

Para Simonsen, foi apenas 'balão de ensaio'

RIO
AGÊNCIA ESTADO

Um balão de ensaio. Foi dessa forma que o ex-ministro do Planejamento e da Fazenda, Mário Henrique Simonsen, classificou ontem a proposta de transformação de metade da dívida externa brasileira em títulos de longo prazo, com deságio de 25 a 30%, levada pelo ministro da Fazenda, Bresser Pereira, ao secretário do Tesouro dos Estados Unidos, James Baker. "Se fosse uma proposta, seria realmente ingênua. Prefiro acreditar que tenha sido um balão de ensaio", afirmou. E explicou: "Não se pode ter a presunção de se conseguir um deságio trocando um título por outro, ambos com a mesma garantia".

Além dessa "tese estranha" — nas palavras dele — de se tentar a troca de uma dívida por outra de valor menor e sem garantias extras, o outro fato que o levou a considerar a proposta de Bresser Pereira como um "balão de ensaio" foi a rápida mudança de rumo do ministro diante da reação negativa do secretário do Tesouro dos EUA. Por causa dessa interpretação, Simonsen não considerou grave nem desgastante para o

Brasil o recuo feito por Bresser Pereira: "Um recuo de um balão de ensaio não tem o mesmo peso que um recuo em relação a uma proposta".

O aval do Banco Mundial foi um exemplo de garantia extra citado por Simonsen para que a proposta tivesse mais consistência. Mesmo em relação aos bônus de saída — *exit bond* — como idéia alternativa, ele disse que o instrumento é interessante, "desde que tenha garantias que outros papéis não têm", como, por exemplo, prioridade para pagamento. "Não é um esquema fácil de fazer", admitiu ele, reconhecendo que a Argentina, adotando

essa idéia, só conseguiu que dois bancos subscrevessem os bônus. Ainda assim, ele acha indispensável que o governo dê garantias de



Carlos Chicharino

Simonsen: 'Se fosse proposta seria ingênua'

que os bônus teriam prioridade para o pagamento e, se possível, aval do Banco Mundial, para que os bancos credores tenham a confiança de estar substituindo uma dívi-

da mais arriscada por outra com riscos menores.

XADREZ

A principal receita para a negociação com os credores, segundo Simonsen, deve ser, justamente, "não querer ter receita *a priori* para negociação". Isso seria o mesmo que um jogador de xadrez revelar ao adversário os 40 primeiros lances que fará na partida, exemplificou. Ele não quis sequer dizer se um pagamento simbólico dos juros seria necessário aos primeiros entendimentos: "Faz parte da negociação, seria o quinto lance da partida de xadrez". O primeiro lance, afirmou o ex-ministro, seria simplesmente "sentar e discutir".

Além disso, disse que parte da dívida pode se tornar impagável se, num horizonte de 30 anos, por exemplo, os juros ficarem muito altos e o comércio mundial se estagnar. Do contrário, afirmou, a dívida é perfeitamente pagável.

Sobre a idéia da moratória interna, Simonsen disse esperar que "isso jamais tenha sido cogitado pelo governo, porque seria o mesmo que matar a galinha dos ovos de ouro".